

# ZERRO

FLORIANÓPOLIS, 29 DE MAIO A 12 DE JUNHO - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - ANO IX, Nº 2

Q U I N Z E N A L

Perfis: Twin Peaks, Mozart e Gonzaguinha

Na 12, 13 e 15



Deise Freitas/Zero

Aumentam casos de AIDS no Estado

Na página 10

CONFISSÕES DE UM REPÓRTER:

**“Não existe esquerda atuante no Brasil”**

Líderes se poupam para 94. E o povo paga

**“Imprensa é acrítica com todos governos”**

Cobertura da greve nacional provou isto

**“Há ligações poderosas entre eles”**

A denúncia das páginas 4 e 5 comprova

Kleinübing trabalha desperdiçando 70 milhões em propaganda

A ENTREVISTA COM CLÓVIS ROSSI ESTÁ NA CENTRAL

O registro da greve está na 2, 3 e 16



# João Pessoa parou. Foi geral

## Parcial mesmo, foi a cobertura da imprensa

A greve geral convocada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), com apoio das CGTs (Central e Confederação Geral dos Trabalhadores) conseguiu apenas uma adesão parcial em todo o país. Com objetivo de protestar contra a política econômica recessiva e o desemprego, os dirigentes sindicais encerram a greve com um balanço negativo, segundo a imprensa nacional. E o governo, que não acreditava no sucesso da paralisação, ganha tempo para uma tentativa de entendimento nacional.

Para Jair Meneguelli, presidente da CUT, os objetivos da greve foram alcançados. Durante entrevista coletiva disse que não importa o número de trabalhadores parados, mas o fato de que "não houve cidade, por me-

nor que seja, onde não tenha sido mostrada a angústia".

João Pessoa (PB) foi a capital que obteve maior êxito na greve geral. Os trens e ônibus não circularam. Os funcionários da saúde, educação, construção civil e ferroviários paralisaram 100%. Só o comércio funcionou, parcialmente.

Com a greve dos transportes em São Paulo, indústrias, comércio e bancos abriram suas portas com menos funcionários. O trânsito ficou tumultuado devido aos constantes congestionamentos. No ABC, principal base da CUT, não houve greve e até os movimentos de protestos que tinham sido programados fracassaram, devido às sucessivas paralisações salariais da categoria. "Eu não posso agir como um ditador diante dos trabalhadores: tenho de me submeter às decisões deles", disse Vicente Paulo da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Ministério em greve — Mesmo

sem fazer um balanço das paralisações, o Ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, afirmou que "não houve nenhuma greve no país, mas, sim, um conjunto de incidentes violentos patrocinados pela CUT", esquecendo a longa greve em seu próprio ministério. Sobre a situação da prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina, o ministro disse apenas que "ela não fez o menor esforço para evitar a greve". Um relatório das Delegacias Regionais indica, de acordo com Magri, que a paralisação ocorreu apenas nos transportes coletivos de São Paulo, Rio e Bahia, Estados onde foram registrados maiores índices de violência.

No Rio de Janeiro apenas os ferroviários paralisaram totalmente, os metroviários pararam parcialmente, mas o metrô não deixou de funcionar. O comando de greve reconhece que a paralisação foi parcial. O Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal fecharam algumas agências

na capital carioca. O governador Leonel Brizola não quis dar declarações sobre o movimento.

Os organizadores da greve em Porto Alegre formaram um "piquetão" para fazer passeatas pelas principais ruas da cidade, obrigando lojas a fecharem. Incidentes sem gravidades envolveram grevistas e a polícia militar do estado. O comando da greve geral informou que grandes indústrias da região metropolitana funcionaram normalmente.

Para o monopólio de comunicações a greve foi um fracasso total, resultando apenas em violência e depredação. Mas os dirigentes sindicais acreditam que os protestos serviram de demonstração da revolta dos trabalhadores, conseguindo ocupar manchete de jornais e alguns minutos dos telejornais. Para Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do PT, "qualquer resultado será um alerta para o governo".

Sara Caprário

## Criciúma tem desemprego: parou

Foi uma greve parcial em Santa Catarina, onde houve paralisação, principalmente dos servidores públicos e professores estaduais e federais, previdenciários e bancários, que protestavam contra a política econômica do governo.

Para chegar a esta greve a Central Única dos Trabalhadores (CUT), discutiu muito durante o ano com as categorias. Campanha publicitária, conversas com sindicatos, organização de passeatas, shows e tantas outras coisas que envolvem uma greve geral.

A CUT na terça-feira, dia 21, já considerava a greve como vitoriosa. Ineir Mittmann — presidente da CUT em Santa Catarina afirma que "mais de 90% da população na terça-feira já sabia da greve e o que ela estava combatendo: o arrocho, a situação de miséria da população, os salários que valem 1/4 desde quando o Collor assumiu e os 6 milhões de trabalhadores desempregados".

Criciúma parou — O primeiro dia de greve foi o mais expressivo em adesões. Blumenau, Caçador, Concórdia, Jaraguá do Sul, Ibituba e Chapecó paralisaram quase que totalmente as atividades nas escolas federais, estaduais e municipais. Descanso, Itapiranga, Anchieta, Romelândia, Caxambu do Sul, Águas de Chapecó e Quilombo decretaram ponto facultativo, segundo a CUT. Em Lages o Banco do Brasil foi invadido por agricultores.



"Criciúma foi um sucesso", comentário geral entre os membros da CUT. Com paralisação total da cidade, apenas 5% da frota de ônibus operou.

No segundo dia de greve muitas categorias voltaram a trabalhar, poucos municípios mantiveram sua adesão: em Chapecó 80% dos professores permaneceram parados, Blumenau a FURB e 80% dos professores es-

taduais paralisaram suas atividades, São Miguel d'Oeste manteve a greve entre 60% dos previdenciários e 70% dos professores. Em Concórdia a Embra, Escola Técnica Federal Agropecuária, Associação Catarinense de Criadores de Suínos - ACCS e 85% dos professores estaduais.

Alguns incidentes marcaram a greve no estado, com duas pes-

soas presas em Joinville, um deles membro do Sindicato dos Empregados na Indústria Metal Mecânica. Em Rio do Sul a polícia utilizou gás lacrimogêneo, para desfazer um piquete formado em frente ao terminal de ônibus. Em Criciúma um motorista de ônibus foi atingido por uma pedrada.

Silvânia Siebert

**ZERO**



Melhor  
Peça Gráfica  
I, II e III Set  
Universitário  
Maio 88  
Setembro 89  
Setembro 90

Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, editado em 29 de maio de 91

Arte: Frank

Copy desks: Jornalistas-professores Gastão Cassel, Gilka Girardello e Ricardo Barreto

Diagramadores(as): Adriana Martorano, Angelita Correa, Fernanda Medeiros, João Paulo Miller, Marta Scherer, Nilva Bianco, Simone Fritsche

Editores assistentes: Emerson Gasperin, Fernando Moskorz, Marta Moritz, Marcelo de Andrade, Nilva Bianco  
Editor e supervisor: professor Ricardo Barreto (MTb 2708 RS)

Fotografia: Deise Freitas, Pedro Melo, Sara Caprário, Terezinha Silva, Victor Carlson  
Laboratório fotográfico: Deise Freitas, Pedro Melo

Montagem: Marinho  
Textos: Alexandre Gonçalves, Ana Cláudia Menezes, Ana Carine Montero, Geraldo Hoffmann, Mônica Linhares, Nelson Lorenz, Ozias Alves Jr., Pedro Santos, Rafael Masseli, Rogério Mosimann, Sara Caprário, Silvânia Siebert, Terezinha Silva, Victor Carlson

Acabamento e impressão: Imprefar

Redação: UFSC-CCE-COM, Curso de Jornalismo, Trindade, CEP 88049, Florianópolis, SC

Telefones: (0482) 31-9215, 31-9490

Telefax: (0482) 33-4069

Distribuição gratuita

Circulação dirigida

# Está tudo ótimo no Brasil Novo

Não existe arrocho, inflação, desemprego em massa...



Foto: Victor Carlson Zero

"Eu tô passando fome. O que eu vou fazer? Roubar eu não posso, se não a polícia me prende!" desabafa a aposentada Maria de Lurdes Farias, que não parava de apitar e gritar palavras de ordem nos dois dias de manifestações da Greve Geral, convocada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pelas duas centrais Gerais dos trabalhadores (CGTs) para os dias 22 e 23 de maio.

E a polícia prendeu. Mas, nenhum dos 12 detidos estava roubando. Todos participavam da Greve Geral, em protesto contra a política econômica do governo Collor, o arrocho salarial, e a privatização das universidades e estatais em geral, pela melhoria no ensino público e pela reforma agrária urgente.

As manifestações no primeiro dia da Greve começaram por volta das 10:00 hs, da manhã. Cerca de mil pessoas, entre professores, bancários, comerciantes, funcionários da Sunab, APAE, Fundação Hospitalar e estudantes saíram do largo da catedral em passeata pelo centro de Florianópolis. O chamado "arrastão" tinha como objetivo convencer o comércio a fechar suas portas.

Os comerciantes que tinham aberto suas lojas fecharam com medo de depredação. Quem arriscou ficar com as portas abertas, como uma panificadora na rua Tenente Silveira, foi vítima de piquetes e acabou fechando. Os piqueteiros gritavam "Fecha! Fecha!" e os mais exaltados batiam nas portas das lojas e bancos. Nas Casas Coelho chegaram a danificar o letreiro.

Diante de tanta convicção dos grevistas, restou aos comerciantes fechar suas portas, enquanto a passeata seguia com rumo certo: o terminal urbano de Florianópolis, onde alguns poucos policiais só observavam.

## Repressão

No terminal, os manifestantes sentam-se no chão e impedem a saída dos ônibus. A proposta do comando da greve é só um ato temporário para sensibilizar os motoristas e cobradores a aderirem a greve. O policiamento aumenta, os policiais fazem uma corrente, mas, continuam só observando. O clima é tenso. Os motoristas pareciam não se sensibilizar com o chamado à adesão. "Se der pra trabalhar, nós trabalha" disse um motorista da empresa Transol. Chega reforço da polícia militar e o contingente de policiais alcança cerca de 200. "É bom o pessoal sair no máximo em cinco minutos, senão complica", diz um sindicalista.

Presidente fez beicinho mas uma minoria parou



Estudante não-grevista: preso

A polícia não deu nem cinco minutos, partiu para cima dos manifestantes que se defendiam dos cacetetes com mastros de bandeiras de cano PVC. A violência foi grande, quem não queria sair foi sendo empurrado e espancado. Os policiais apreenderam a Kombi do som e logo possibilitaram a saída dos ônibus.

A violência ainda não havia terminado. Agora, já na Praça XV, a polícia enfrenta os grevistas que respondem com pedras. Várias pessoas foram pre-



Ideli tentou mobilizar...

sas. Testemunhas afirmam que a polícia prendeu um estudante que estava num bar no local da confusão.

O saldo final foram doze presos e duas pessoas no hospital: uma com hemorragia nos testi-



...mas como Rita: foram presas

culos e outra com suspeitas de fraturas nas costelas.

## Menor preso

Entre os detidos estavam o vereador do PC do B João Guizoni, Rita Gonçalves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação, um estudante de apenas 14 anos e nove sindicalistas. O estudante foi solto ainda no local, por ordem do secretário de Segurança Pública Sidney Pacheco, graças a intervenção do advogado Clément Mannes da CUT e da vereadora Clair Castilhos (PSDB). As ou-

tras pessoas presas foram levadas ao 1.º DP (centro) e soltas por volta das 16:00 horas.

"A polícia me enforcou quando me prendeu" foi só o que o menino Alexandre conseguiu dizer. "Não queremos violência", afirmou Sidney Pacheco. "Só queremos assegurar o direito para quem quer trabalhar e para quem quer voltar para casa" concluiu o secretário. Após o tumulto, os grevistas voltaram ao largo da catedral.

Fora do centro, alguns colégios pararam e "a universidade federal ficou quase toda paralisada, só com algumas aulas nos centros sócio-econômico e tecnológico", diz Paulo Corso, do Diretório Central dos Estudantes.

No período da tarde, houve mais passeatas, sem nenhum transtorno. O comércio funcionou normalmente, exceto nos momentos da passeata, quando as portas fechavam. Ao anoitecer, houve nova concentração no largo da catedral. O clima era descontraído, pessoas dançando, vendedores de chocolate nas escadarias e até um grupo folclórico fez uma apresentação de Boi-de-mamão.

## Calmaria

O segundo dia da greve, foi marcado por ofensas do comando de greve aos meios de comunicação pela repetição, por parte dos grevistas de que a greve estava sendo vitoriosa em todo o Brasil. "A greve cumpre e cumpriu seus objetivos" avaliou Jorge Lorenzetti, membro da executiva nacional da CUT.

Cerca de 800 pessoas participaram da passeata pela manhã. A todo momento estouravam "rojões" e a Kombi do som pediu aos manifestantes que identificassem o baderneiro. Era Fabrício S., 11 anos, jornalista. Ao ser perguntado sobre por que fazia aquilo, respondeu: "É para assustar esses vagabundos, devia tá tudo trabalhando". A manifestação seguiu sem o "terrorista" e foi para o terminal. Desta vez, os manifestantes ficaram do outro lado da rua.

O vereador João Guizoni (PC do B) avaliou o movimento como "forte, dentro das expectativas do comando, quanto a polícia, a gente pode esperar tudo, ainda mais num país autoritário como esse". Vários representantes de partidos discursaram na catedral. "Os dois dias não terminam hoje, são o início de uma grande jornada para devolver o Brasil pra gente" proclamou Delman Ferreira, membro da executiva nacional da CUT.

Rogério Mosimann

# Kleinübing adota estilo Collor

## Governador não pechinhou na hora de pagar

Um "pedido de informação" aprovado pela Assembleia Legislativa, no dia 29 de abril, está incomodando o governador Vilson Kleinübing. Os deputados da oposição querem saber quanto o governo do Estado gastou com propaganda entre 15 de março e 28 de abril. Cálculos extra-oficiais, baseados nas tabelas de preços dos meios de comunicação, indicam que o Palácio Santa Catarina já despejou cerca de Cr\$ 70 milhões em oito jornais, quatro emisoras de TV e duas agências de publicidade. E dinheiro suficiente para pagar o salário de dois mil professores.

Até agora, a obra mais visível do governo que se diz em "estado de trabalho" é a publicidade oficial. Em um mês e meio, foram oito anúncios publicados nos quatro principais jornais catarinenses (Diário Catarinense, A Notícia, O Estado e Jornal de Santa Catarina), um nos quatro maiores diários do centro do País e três vinhetas, de trinta segundos cada, veiculadas dezenas de vezes nas quatro emissoras locais de TV (RBS, RCE, Barriga Verde e TV O Estado). Sem contar com as manchetes quase diárias a favor do governo e um eficiente esquema de rádio montado no Palácio, que chega a emplacar em média 132 boletins por dia (mais da metade ao vivo) em 83 das 93 emissoras existentes no Estado.

Os gastos exagerados com mídia eram visíveis desde os

Santa Catarina arruma a casa, faz economia e vai em busca de um futuro melhor.

Santa Catarina arruma a casa, faz economia e vai em busca de um futuro melhor.

Programa Comunitário de Telefonia

**EM APENAS 2 ANOS, 140 MIL NOVOS TELEFONES PARA OS CATARINENSES.**

O jogo da verdade já começou.

A REFORMA DO GOVERNO DE SANTA CATARINA É EXEMPLO PARA O BRASIL.

A REFORMA DO GOVERNO DE SANTA CATARINA É NOVAMENTE CITADA COMO EXEMPLO NACIONAL.

Governo catarinense torrou 70 milhões em propaganda

primeiros dias do atual governo, mas só foram notados pela oposição no dia 19 de abril, quando a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo e o Jornal do Brasil estamparam um anúncio de página quase inteira sobre o Plano de Modernização do Governo, com o título "Santa Catarina arruma a casa, faz economia e vai em busca de um futuro melhor". O deputado Arnaldo Schmitt (PMDB) pôs a boca no trombone na Assembleia: "Só com o dinheiro gasto na publicação do anúncio na Folha (Cr\$ 7,2 milhões), o governo poderia pagar a insalubridade de 412 enfermeiras". Nos quatro jornais, juntos, a peça custou algo em torno de Cr\$ 20 milhões.

A denúncia do deputado mereceu uma nota de pé de página no jornal O Estado, longe do destaque dado, em março, às notícias sobre a campanha publicitária do final do governo do PMDB, que custou Cr\$ 90 milhões.

O anúncio do PMG ganhou um elogioso editorial do Jornal do Brasil: "Um exemplo do que pode e precisa ser feito para recolocar o Brasil nos trilhos que levam ao Primeiro Mundo no século XXI está sendo dado pelo governador Vilson Kleinübing", escreveu o editorialista, no dia 23 de abril. O editorial virou anúncio nos quatro jornais catarinenses. Um elogio pago.

Entre Amigos — Dois dias depois do elogio do JB, Kleinübing participou de um

almoço com 150 empresários no Hotel Castelmar. Entre os convidados, um editorialista da Gazeta mercantil encantou-se com o PMG, que definiu como "O exemplo de Santa Catarina", no editorial e sábado, 27, que também virou matéria paga na imprensa barriga verde.

O almoço foi organizado pelo presidente da Associação dos Dirigentes Brasileiros de Vendas — ADBV/SC, Roberto Costa, dono da Propague, agência que, junto com a Artplan Sul, de Paulo Roberto Bornhausen — filho de ex-senador Jorge Bornhausen (PFL), abocanhou boa parte dos Cr\$ 200 milhões gastos pela União por Santa Catarina na campanha eleitoral de 1990. Estas duas empresas também estariam rachando a conta publicitária do governo, denuncia o dono de uma agência habilitada pa-

ra o serviço. Há oito agências pré-qualificadas ainda pelo governo do PMDB: MPM, Granmeta, RL, SC, Quadra, Artplan Sul, Propague e Exa Propaganda. Pelo menos três deveriam receber uma "carta-confite", para execução de mídia até o valor de Cr\$ 7,9 milhões para serviços acima desse valor, deveria haver tomada de preços ou licitações.

O governador Vilson Kleinübing irrita-se com o que chama de "modismo de cobrar quanto o governo gasta com propaganda". Diz que lançou mão desse tipo de "divulgação" — limitada pela Constituição Estadual — para desfazer a "imagem de bandido" com que teria sido pintado após a aprovação em regime de urgência e sanção apressada do PMG. "O anúncio em jornais do centro do País tem o objetivo de atrair investimentos para Santa Catarina", defende-se. Um dia depois de receber o "pedido de informação" da Assembleia, Kleinübing decretou o fim da "carta-convite" às agências e prometeu incluir as despesas com publicidade nos balancetes mensais que continuará publicando nos jornais.

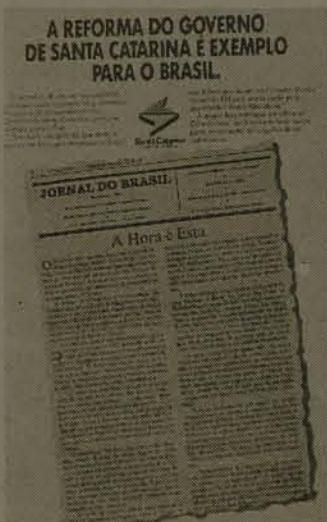
"Jogo da Verdade" — O Chefe do Gabinete de Comunicação Social, Eugênio Berca Filho, resiste a cumprir uma palavra que escreveu no primeiro anúncio deste governo: transparência. "Só publicamos os balancetes, que é promessa de campanha, e fizemos uma divulgação do PMG", esquiava-

se. Por um decreto de 29 de abril, Berca passou a ter a última palavra sobre toda a mídia governamental, inclusive o poder de selecionar e contratar agências de publicidade. O mesmo decreto também lhe impõe o dever de colher e prestar informações de interesse da comunidade.

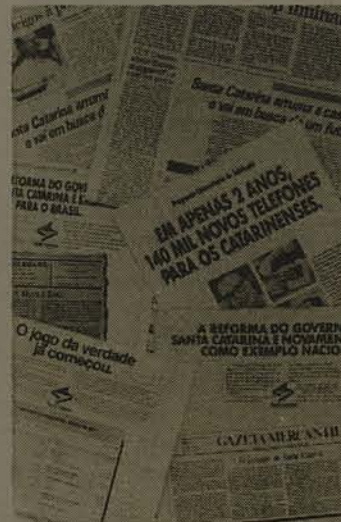
Mas só quer responder à Assembleia, no final de maio, quanto o governo já gastou com propaganda. Para despaçar o repórter que insistiu durante duas semanas atrás desses números, chuta "uns Cr\$ 30 milhões". Sequer informa que o orçamento assumiu a pasta. O ex-secretário de Comunicação Social, Nery Clito Vieira, garante que deixou em caixa Cr\$ 36 milhões, de um orçamento de Cr\$ 76 milhões para 1991. Kleinübing diz que vai enviar um projeto de lei à Assembleia para fixar o novo orçamento do gabinete de divulgação "porque a verba acabou".

O mistério que ainda envolve os negócios de propaganda do governo lança dúvidas sobre o título de um anúncio veiculado no dia 19 de abril nos jornais locais: "O jogo da verdade já começou". Parece ter razão o líder do PFL, Júlio Garcia, para quem "este governo tem divulgado apenas o que faz".

Propaganda em cima de propaganda. E, como diz Aldous Huxley, no livro "Admirável Mundo Novo", "os maiores triunfos da propaganda foram obtidos não fazendo coisa alguma, mas deixando de fazê-la. A verdade é grande, mas ainda maior, de um ponto de vista prático, é o silêncio sobre a verdade".



Anunciando em jornais...



... de todo País...



...o seu "jogo da verdade"

# Santa Catarina arruma a casa, faz economia e vai em busca de um futuro melhor.

Pedro Mello Zero

Em Santa Catarina, o Governo continua a ter o apoio do seu povo. Os resultados sempre foram sempre de trabalho e produtividade. Mas o seu Governo não tem a ver com uma melhora estrutural, uma melhoria na situação econômica pelo lado das atividades produtivas e industriais. Situação econômica pelo lado das atividades produtivas e industriais. Situação econômica pelo lado das atividades produtivas e industriais.



## PLANO DE MODERNIZAÇÃO DO GOVERNO

I - REFORMA ADMINISTRATIVA		II - REFORMA FISCAL	
SITUAÇÃO ANTERIOR	SITUAÇÃO ATUAL	SITUAÇÃO ANTERIOR	SITUAÇÃO ATUAL
REPERCUSSÃO	REPERCUSSÃO	REPERCUSSÃO	REPERCUSSÃO

O Governo **arruma a casa** através da imprensa e não economiza em cooptação

# Imprensa é amordaçada

## Governo troca coberturas por publicidade

A história se repete e, aqui, até com coincidência de nomes. Conta o jornalista Moacir Pereira, num texto inédito, que durante a gestão do governador Antônio Carlos Konder Reis (1975-1979), o governo do Estado teve "participação direta" no processo que levou o MDB a denunciar o amordaçamento da imprensa catarinense.

Konder Reis criou a Dicesc-Companhia de Divulgação do Estado de Santa Catarina, que centralizou todas as verbas publicitárias dos órgãos e das empresas públicas. Passou a comprar espaço nos jornais, televisões e rádios que, em troca, só divulgavam notícias da Arena. Segundo o colunista, a linha editorial de alguns desses veículos era ditada por jornalistas contratados pelo Palácio.

Lê-se no texto de Pereira:

*Os jornais tidos como imparciais passaram a sofrer pressões diretas e indiretas do sistema governamental. Cinco jornalistas de Porto Alegre foram obrigados a solicitar demissão do Jornal de Santa Catarina e da TV Coligadas, porque, segundo alguns depoimentos, eram profissionais e apresentavam os fatos e notícias com a imparcialidade exigível e desejável. Os dois veículos - de um mesmo grupo - não queriam este tipo de matéria. O jornal e a TV foram, na mesma época, adquiridos pelo Sr. Paulo Roberto Bornhausen, primo-irmão do governador Konder Reis, em duvidosa operação comercial, e que levou o MDB a contestar a saída. Paralelamente, os mesmo veículos começaram a se fixar em notícias exclusivas da Arena e do governo, a ponto de se posicionarem em editoriais. Começaram a per-*

*der o crédito perante a opinião pública, que denomina o jornal de 'Diário Oficial'.*

O governo Konder Reis ainda conseguiu acabar com "o melhor programa de radiojornalismo até então produzido em Santa Catarina", o *Linha de Frente* que veiculava os debates da Assembléia Legislativa. "Como a bancada da Arena era menos atuante que a do MDB, o programa pegou", escreve Moacir. A Rádio Santa Catarina decidiu extingui-lo depois de uma briga que o governador comprou com os deputados da oposição, ao interfeir diretamente no Legislativo. O dono da rádio, Arlido Carvalho, 2º suplente de deputado federal, demitiu três jornalistas - dois com imunidade sindical - e foi premiado com uma cadeira no Congresso Nacional, através de manobra política conduzida por Konder Reis. "O governador não atendia aos repórteres, deu apenas uma entrevista formal. Os secretários evitavam os jornalistas", diz ainda Moacir.

Apesar das pressões e do partidarismo que tomou conta da imprensa, havia veículos que continuavam divulgando os fatos "com imparcialidade e independência", ressalva Pereira, no texto "Aspectos da Realidade Política de Santa Catarina", apresentado num curso sobre "análise catarinense", promovido pelo Regional Sul IV da CNBB, em Lages, em 1978. Na platéia, estava um professor universitário de nome Fernando Marcondes de Mattos.

Dois anos antes, a Assembléia Legislativa formara uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as atividades da Dicesc. Konder Reis recusou-se várias vezes a fornecer os documentos requisitados pela CPI e, diante da insistência dos deputados da oposição, extinguiu a empresa. As 169 folhas do relatório foram para o arquivo, destino de quase todas as CPIs da corrupção.

A enxurrada de anúncios continuou abastecendo os caixas dos meios de comunicação durante os governos de Jorge Bornhausen (1979-1982) e de Esperidião Amin (1982-86). Basta folhear os jornais da época para conferir. Pedro Ivo Campos-PMDB tentou conter essa sangria de recursos públicos a partir de 1987 e se deu mal com a imprensa. Até Kleinübing já disse aos jornalistas que cobrem o Palácio: "A pressão dos patrões de vocês por mais verbas publicitárias é grande". Mas não reclama da cobertura que vem sendo dada a seu governo.

Quem reclama desta cobertura é o presidente do diretório do PMDB de Florianópolis, Nery Clito Vieira, que acusa a imprensa local de "parcialidade, por tomar como verdade única a versão do novo governo". O PMDB também promete entrar com uma ação popular na justiça para que o governo Kleinübing devolva aos cofres públicos o dinheiro já gasto em publicidade inconstitucional. O PT apresentou projeto de lei na Assembléia para regulamentar a propaganda oficial.

O desfecho dessa história ainda é desconhecido, mas alguns nomes não são novos na cena. O professor Marcondes de Mattos, que viu Moacir Pereira fazer as denúncias de pressões, no curso da CNBB em Lages, é hoje secretário da Fazenda e Planejamento. Tem a chave do cofre. Konder Reis é vice-governador. A extinta Dicesc agora é o Gabinete de Comunicação Social, mandado por Eugênio Berca, que já trabalhou para o ex-secretário de Agricultura de Amin, Vilson Kleinübing, e agora dá a última palavra sobre os gastos do governo com publicidade. Mas esquece da transparência, com a cumplicidade da "grande" imprensa.

Textos:  
Geraldo Hoffmann

# Marginalizados reclamam do preconceito contra seu estilo de vida

## Indigentes são confundidos com aidéticos

A Aids, também chamada SIDA, está solta. Fantasma substituto do tifo, da tuberculose, do câncer, a doença estimula resistências e preconceitos. No centro de Florianópolis, na esquina da Rua Conselheiro Mafra com a Rua Trajano, vive um grupo de pessoas que se autodenominam "hippies" e que são considerados como "aidéticos" pelos populares que os conhecem. Vivem do dinheiro que esmolam e das gorjetas em troca de vigilância de automóveis que estacionam por ali.

"Em comum", diz Carlos, um dos integrantes do grupo "nós temos o alcoolismo e a amizade". Entre nós não há maldade, dormimos juntos sem ninguém abusar de ninguém e quando chega alguém novo querendo sacanagem nós fechamos o cerco pro cara". Carlos é natural de Itajaí, tem 27 anos e desde novembro, quando chegou em Florianópolis, trabalha à noite, cuidando dos carros no estacionamento do restaurante Lagoa's na Beira-Mar. "Logo no início", conta "quando cheguei, estava sentado na porta do mercado, e do meu lado estavam a Xuxa e o marido dela, o Jefe; eu não tinha dinheiro nem cigarro. A Xuxa fazia o maior escândalo, que é o jeito dela, eu cheguei nela e pedi um cigarro". A Xuxa ou "Polaca", como também é chamada, não tinha cigarro, mas rapidamente conseguiu um, oferecendo-o para Carlos que a partir daí se integrou ao grupo.

Xuxa é uma mulher magra, bem magra, cabelos curtos de pive e um jeito italiano de se expressar, não no sotaque mas no exagero dos gestos. "Mora" na esquina da Conselheiro junto

com o marido Jefe ou "Cachorrão". "Cachorrão do meu marido", "Cachorrão do meu marido" como ela o chama, para festejo dos amigos. Xuxa até teria onde morar. A mãe dela desce o morro todos os dias para trazer-lhe roupas limpas e pedir-lhe que vá dormir em casa, coisa que Xuxa se nega a fazer, confirma o grupo. Jefe, diminutivo de Jefferson, tem traços de índio no rosto e o cabelo comprido de um marrom oleoso. Um sorriso franco, cheio de dentes comora todas as feições da sua sempre presente e ciumenta mulher. O casal diz estar com tuberculose. Não tratam a doença porque, segundo eles, não têm onde fazê-lo. "Nem hospitais nem igrejas querem cuidar da gente", diz Jefe. E assim eles ficam na rua pedindo dinheiro para comprar cachaça. "Ontem", disse Jefe, "com o grupo todo bebemos nove litros de purinha".

**Amigos Legais** — Tem ainda um casal que convive com o grupo, mas mora em uma casa abandonada na Rua Trajano. Este casal — ele alto, quase dois metros de altura, cabelos crespos caindo nos ombros; ela, pequena e frágil — trabalha com artesanato e tem uma filha de seis meses de idade. Ficam ali com o grupo porque são seus amigos, como dizem os dois: "entre nós, nós nos cuidamos". Carlos concorda e acrescenta dando o exemplo do "Menino".

O "Menino", como eles o chamam, tem 27 anos, está com Aids, e os "hippies" dividem o que têm com ele. Baixinho, muito magro, feridas abertas escondem a pele branca. Foi estuprado por desconhecidos duas vezes, a última vez faz pouco tempo, conta Carlos, que com pena lembra-se de Vera. Ela também era integrante do grupo e morreu, três semanas atrás vitimada de Aids. Talvez tenham sido estes últimos casos que fizeram uma polícia de trânsito se referir aos "hippies" como um "grupo de aidéticos". As pessoas que, esquivando-se, passam por eles de longe e transitam pelo Ponto Chic também se referem a eles como um grupo de "aidéticos", o que é contestado pelos "hippies". "No nosso grupo tem de tudo, tem tuberculose, tem aidético, tem cara que se pica e tem cara são como eu, que já fiz exame para Aids, e não deu nada" diz Carlos, o rapaz loiro, forte e bonito que há seis meses, de passagem pela capital, acabou achando um trabalho: cuidar dos carros da Beira-Mar. — Comprei a praça de um cara, e agora é minha, é de lá que tiro meus trocos e também uns amigos legais".

Ana Carine Montero



# A sobrevivência que vem da lama

## Em Palhoça a pesca do berbigão ajuda na renda

Roseli e Fátima Dutra, cunhadas e comadres de 30 anos de idade, vão sair mais um dia para chafurdar na lama onde vive o berbigão. Elas fazem parte de um grupo de cerca de 30 mulheres que sobrevivem, assim como suas mães e avós sobreviviam, tirando berbigão nos pântanos da Ponte do Imaruí, município de Palhoça. Nos dias em que a maré é favorável seguem rumo ao mar com balaços, baldes e sacos nas mãos para buscar na lama negra o produto que, vendido, ajuda nas despesas da casa, porque a gente tem que se virar do jeito que pode, explica Roseli, pra não morrer de fome. As duas estão há poucos meses nesta vida de mulher do berbigão. Vida danada que depende da direção do vento, pois quanto sopra o vento sul a maré enche e aí só se mergulhar pra tirar berbigão. Antes de partir, elas pedem a menina Kelly, 10 anos de idade, filha de Roseli — que leve o irmão para a escola, e cuide bem da priminha Karina, de 2 anos.

Na saída de casa encontram o Negão sentado preguiçosamente numa cadeira à beira da rua — bermuda, peito nu e uma "Dorilda" tatuada no braço direito, ele bebe calmamente seu chimarrão e provoca as mulheres: o vento sul tá chegando, maré cheia não vai dá nada, e Fátima, vai trabalhar Negão em vez de rogar praga pra nós, e ele sorri maroto, tô doente, e Roseli, cara amarrada, tu tás sempre doente, e seguem adiante na rua pequena e estreita que vai desembocar numa outra, paralela ao mar. Ali, avistam José Paulo Machado, o Dinho, que já vai longe com seus passos largos, levando nas costas o balaço e o rodo — uma espécie de garfo gigante fechado nos lados, que ele usa para tirar berbigão. Dinho volta a cabeça quando escuta o assobio de Fátima que grita "já ias sem nós, é?", e torna a virar para frente e caminhar, enquanto elas correm pra te alcançar, meu amigo Dinho, hoje a maré tá baixa e tu vais ficar rodeado de mulher, e ele



Dona Maurina colhe berbigão há nove anos mas apesar da dureza do trabalho é dali que sai seu dinheiro

ri porque hoje tá bom e a maré vai baixar ainda mais. Entram n'água, caminham mais cinco minutos até chegar — já com água acima dos joelhos — onde está encorada a lancha-baleeira "Ais de Ouro". As mulheres se acomodam na proa do barco e Dinho, de pé, liga o motor barulhento, rompe esse silêncio de mar, segura firme o leme

## Quando sopra o vento sul, a maré sobe e complica o trabalho

e conduz a baleeira.

O rumo é o Rio da Palhoça — aquele lado de mangues e lodaçais onde desembocam alguns rios do município —, um dos lugares onde o berbigão é mais farto. No trajeto

de 20 minutos a conversa é sobre a vida de quem depende do mar: a maré que tá baixa, graças a Deus, o vento, e o berbigão que vai ser graúdo. São quase oito horas e o sol aparece entre as nuvens. Sua luz, quase horizontal, forma uma faixa dourada na superfície calma do mar, onde cardumes de manjuvas pulam fora d'água, assustados

com o barulho que o motor da "Ais de Ouro" vai fazendo.

Dinho conduz a baleeira olhando sempre para frente até que escuta: "olha lá, Dinho, não é a Dona Maurina?", e é a Roseli quem aponta para a direita de Dinho e ele então desvia o olhar na direção indicada: não sei, se tiver de chapéu é porque é ela", e Roseli: "será que ela não quer ir junto?". Dinho faz sinal para Dona Maurina, mas ela não vai, não, vai ficar por ali mesmo onde já começou o trabalho, de cavucar a lama, à procura de berbigão, porque Dona Maurina Salazar começa a trabalhar cedo, que é a hora que o sol não tá muito quente, "minha filha, pois já estou com 66 anos de vida, nove nesta vida de mulher do berbigão". Ela tem cabelo comprido e completamente branco, as unhas amarelas, curtas e estragadas, olha só, mostra ela, de tanto mexer na lama, e tem calos nas mãos "vé só", por causa do rodo, tão pesado, minha filha, e sente dor aqui ó, na cana do braço, de tanto pegar e descascar berbigão", mas continua a trabalhar porque é viúva, recebe 30 mil cruzeiros mensais como aposentada e pensionista, e o dinheiro do berbigão ajuda nas despesas, "já deu até pra construir uma casinha de material", diz orgulhosa Dona Maurina, que pega berbigão sempre sozinha, sua prima ajuda a descascar e o filho vai buscar na praia os sacos cheios de berbigão que ela traz do mar, porque o bichinho é pesado, duro de lidar, mas continua pegando bicho graúdo, pois não gosta de berbigão de proa que é esse muito pequeno, "quando eu boto o rodo é na certa, e é mesmo", diz Roseli, eu nunca vi coisa igual, ela não vai atrás do berbigão, o berbigão é que vai atrás dela, e Dona Maurina cavuca na lama e quando tem que se abaixar muito n'água do mar ela estica uma das pernas para equilibrar seu corpo balofo, e é por isso que não pára de trabalhar, se parar vou engordar tanto, tanto, e fica lá com o corpo curvado até que a água do mar bata em seu peito; chapéu de palha na cabeça, o balde amarrado no pulso e o barco amarrado na cintura de pneu dos seus 81 quilos de peso, ela vai se transformando num pontinho perdido no meio do mar à medida em que

Terezinha Silva Zero

a baleeira do Dinho se aproxima do Rio da Palhoça.

Dinho desce da "Ais de Ouro", procura o melhor lugar para deixar a âncora, enquanto Roseli e Fátima tiram balaios e baldes, descem n'água e começam o trabalho porque "a maré tá baixa, é preciso aproveitar, diz Roseli. Elas não têm rodo: inclinam o corpo até ficarem com o nariz muito próximo d'água, mergulham as mãos e trazem à tona a lama e o berbigão, sacodem as mãos para lavá-lo e jogam no balde.



É preciso curvar-se para remexer a lama...

### Uma semana inteira de cata pode render 180 Kg de marisco

Voltam a mergulhar as mãos e a remexer na lama, repetem os mesmos gestos muitas e muitas vezes, baixam e levantam o corpo, e é por isso que a Roseli já está com a coluna cheia de desvios, andam de um lado para o outro, pisando firme na lama à procura de malhas de berbigão, levantam o corpo para torcer a blusa molhada, e tornam a se curvar, vêem o rosto refletido na água escura, sentem um cheiro podre, que é esse cheiro de lama remexida, esse cheiro da lama dos mangues, porque "pobre é assim mesmo, e se eu nascer pobre na próxima encarnação eu me mato", reclama Roseli, e Fátima: "acho que a maré tá subindo, não tá, Dinho?", e Dinho afastado delas, levanta a cabeça, "tá começando o vento sul, e são só nove horas", e ele volta a ficar em silêncio e a enterrar o rodo na lama, "assim ó, afunda os dentes do rodo, vai puxando devagarinho com algumas sacudidelas, levanta e balança o rodo para lavar o berbigão e pronto, é só jogar no balaio". Dinho, 37 anos, é um dos poucos homens da Ponte do Imaruí que vive exclusivamente da pesca do berbigão, e está há nove anos nesta luta na lama, diabo de homem forte, dizem dele, que já tirou 180 quilos de berbigão em uma semana, que quando a maré está boa volta do mar com 40 quilos em um só dia, esse homem de olhar e sorriso debochados, pele curtida pelo sol e barba farta que esconde as cicatrizes do rosto e do queixo provocadas por um acidente no fim do ano passado, quando a hélice do motor da "Ais de Ouro" enrolou na manga de sua camisa, "pobre Dinho, quase perdeu o braço ou o pescoço, lamenta Roseli.

Como boa parte daqueles



... antes de baixar o pesado rodo...



... e ver o resultado da pesca

que tiram berbigão na Ponte do Imaruí, Dinho vende o produto para Seu Jorge, esse homem que compra o berbigão a 200 cruzeiros o quilo para revender lá na feira de São Paulo a mil ou 1500, e quando aumenta o preço é só em 20 ou 30 cruzeiros. Desde que a Associação das Mulheres do Berbigão — que tinha como principal objetivo conseguir bons preços para o produto — se desmantelou há mais de um ano porque as próprias mulheres foram se desinteressando, que não se tem um bom comprador para o berbigão. O melhor negócio, então, é vender avulso por 300 cruzeiros o quilo, como faz Dona Maurina — que

vende para uma peixaria de Forquilha ou em sua própria casa — ou como Roseli e Fátima que entregam cerca de 12 quilos por semana para uma mulher de Campinas que faz salgadinhos para bar. Com 300 cruzeiros Roseli compra meio quilo de pó de café. Ela e Fátima ainda ajudam Cida (mulher do Dinho), a descascar o berbigão que o marido traz do mar, e recebem 50 cruzeiros por quilo de berbigão descascado. Para alguém como Fátima, que descasca 10 quilos por vez, são 500 cruzeiros a mais em sua renda de mulher do berbigão. Descascando berbigão durante uma semana ela faz 2 mil cruzeiros e paga

uma das várias prestações da colcha que comprou de um vendedor ambulante.

Depois de tirar pouco mais de meio balaio de berbigão, Roseli e Fátima param para fazer o lanche: um pão de trigo com margarina e um cigarro para rebater. "Não quer um pão, Dinho?", não, ele não quer nada, só um gole da água que trouxe consigo, e volta ao trabalho já com água pela cintura, pois o vento sul chega devagar, "a maré tá subindo", diz Roseli, sentada no fundo da baleeira, e

### Cotação do berbigão é baixa: entre Cr\$ 50 e Cr\$ 300 o quilo

Fátima: "até parece praga de urubu", e Roseli: "é coisa do Negão", lembrando o que o negro tatuado tinha previsto, e Dinho, vocês desanimam muito rápido, não pode ser assim, porque o Dinho não é assim, não, continua cavando na lama, resignado, pois essa é sua única fonte de renda, e dela dependem quatro filhos, e além do mais ele gosta de tirar berbigão, faz cerca de 80 mil cruzeiros por mês e "não preciso receber ordens de ninguém, trabalho pra mim mesmo".

Sentadas no fundo da "Ais de Ouro", Roseli e Fátima olham desanimadas o pouco berbigão que pegaram, "isso aí não dá nem dois quilos", diz Roseli, e Fátima sonhadora, "ah! um radinho de pilha pra escutar uma música", e Dinho debochado, "da próxima vez vou trazer uma televisão pra vocês", enquanto coloca na baleeira os sete sacos de berbigão que pegou — cerca de 20 quilos — porque são 10 e meia, a maré subiu muito, as ondas estão fortes e assim é impossível continuar o trabalho.

No caminho de volta, silêncio. Dinho conduz o barco, fuma um cigarro, olha para frente; Roseli, cabeça baixa, olha para as unhas do pé, amareladas de tanto pisar na lama, e Fátima olha para o mar e para a cunhada e ri triste. A "Ais de Ouro" segue adiante furando as ondas. Na chegada, Dinho amarra a baleeira a uma estaca e os três começam a descarregar o barco. Roseli e Fátima seguem para casa, encontram o Negão que olha com desdém para o balaio de berbigão e ri gozador, "eu não disse que o vento sul tava chegando?, agora só daqui a três dias, que é o tempo que o vento sul leva para passar".

Terezinha Silva

### Debate quente dia 7

"Denuncie todos os tipos de violência e defenda seus direitos" pede o Fórum Permanente Contra a Violência e a Impunidade no Campo e Cidade. A primeira atividade do Fórum será um debate dia 7 de junho na Fecesc, com Helio Bicudo — que discutirá a violência urbana e questionará a pena de morte. Frei Sérgio, também falará, sobre o incidente da praça da Matriz em Porto Alegre, ano passado, quando trabalhadores sem-terra foram espancados pela polícia militar. Junto com o debate será lançado o livro **Vidas em Risco**, dossiê sobre a situação dos meninos (as) de rua e o extermínio de crianças no país.

O Fórum foi criado, em Florianópolis, no dia 22 de abril. Tem a intenção de ser supra-partidário e reúne desde representantes da Pastoral Universitária, Movimento dos Meninos e Meninas de Rua, movimento das Mulheres Negras, até o Nuca, Núcleo Castor de estudos existencialistas. Estão sendo criados fóruns semelhantes em várias cidades, no país para defender os direitos das pessoas que sofrem algum tipo de agressão. Em Santa Catarina a iniciativa foi do deputado Wilson Santim (PT).

O Fórum não vai se limitar a denunciar casos de violência também fazem parte das atividades programadas a mobilização em apoio de quem estiver sendo agredido, incluindo defesa jurídica, praticada em parte por advogados da OAB.



### Set internacional

O professor João Brito de Almeida, coordenador do Curso de Jornalismo da Famecos, de Porto Alegre, avisa que a quarta edição do **Set Universitário** assume dimensão internacional. É que a partir deste ano, além dos 12 cursos de comunicação da região Sul, entram na competição representantes de universidades argentinas, chilenas e uruguaias, o que certamente elevará a qualidade do festival de laboratórios. Com mais fôlego, o evento marcado para realização entre 8 e 10 de outubro convida desde agora não só alunos (para inscreverem seus trabalhos) como todos professores da área, para os trabalhos de extensão previstos na programação. As novidades são consequência direta do prêmio Opinião Pública, conferido pelo Conselho Regional de Relações Públicas de São Paulo ao regular e estimulante evento da PUC-RS. O Curso de Jornalismo da UFSC vai estar lá.





# Casos duplicam a cada ano em SC

**Proporção é de quatro homens para cada mulher**

Na última década, foram registrados mais de 16 mil casos de Aids em todo o Brasil. Até 1990, cerca de oito mil pessoas morreram da doença, correspondendo a um total de 48% do número de indivíduos que a manifestaram.

Uma triste realidade, para um país que, pela imensa quantidade de pessoas contaminadas ocupa a terceira colocação no ranking mundial, depois dos Estados Unidos e do Continente Africano.

Atualmente, existem 1622 mulheres e 14641 homens com a doença, concentrados, principalmente, na região de São Paulo, que conta sozinha com 42% da população infectada do país.

Em Santa Catarina, existem 216 doentes de Aids, divididos num número de 177 casos masculinos e 39 femininos, compondo uma proporção de quatro homens para cada mulher. O número de doentes duplica a cada ano, colocando o Estado no nono lugar em incidência de casos no país. Para grande parte dos profissionais de Saúde, as causas básicas do constante aumento de doentes no Estado são as campanhas de prevenção ineficientes, a falta de informação e as precárias condições de vida da população. Elma Fior da Cruz, coordenadora dos assuntos de Aids, na Secretaria Estadual da Saúde, explica que as pessoas não têm consciência de que podem se contaminar.

"As campanhas de prevenção só serão eficientes quando conscientizarem o povo de que o perigo da contaminação é geral, e não restrito apenas aos homossexuais, prostitutas e usuários de drogas. É preciso apagar da cabeça das pessoas que somente certos grupos estão sujeitos a se infectarem", alerta.

**Drogados** — Para Mariete Silveira, médica do hospital Nereu Ramos, o problema está na descontinuidade e na desvirtuação das campanhas de prevenção. "O que existe é a proliferação da imagem do aidético como indivíduo doente, o que acaba incapacitando as pessoas de enxergarem outras, aparentemente saudáveis, como portadores do vírus".

Um outro fator que está ligado intimamente ao aumento do número de doentes de Aids é o expressivo número de usuários de drogas no Estado, que equivalem a 30% do total de pessoas contaminadas pelo HIV.

"Enquanto diminui progressivamente o número de casos de homossexuais e prostitutas com Aids, aumenta, principalmente em Santa Catarina, a contaminação pelo uso de drogas injetáveis. No resto do país esses números equivalem a 17% do total dos doentes, mas, aqui no Estado, atingem praticamente 30% constituindo o maior foco de disseminação da doença. O que existe é uma epidemia de uso de drogas injetáveis, agravada pela falta de um serviço estadual para a recuperação de toxicômano. Em 86 e 87, quando começou o surto de Aids em Santa Catarina, muitos usuários de drogas, com medo de se infectarem, procuraram apoio para tentar largar a dependência, e não encontraram. Sem encaminhamento e tratamento, continuaram usando drogas e acabaram adquirindo a doença", explica Elma.

**Tratamento caro** — O aumento do número de casos traz, também, consequên-



A foto premiada de Lamas: colhida no hospital Emílio Ribas

cias bastante desanimadoras. A falta de leitos nos hospitais e a incapacidade de custear o tratamento dos pacientes constituem problemas sérios que devem ser resolvidos.

A Aids é a doença crônica mais cara de ser tratada. Só o tratamento com o AZT, remédio capaz de deter temporariamente a disseminação do vírus, custa mensalmente cerca de Cr\$ 80 mil. Os pacientes acham que o medicamento deveria ser financiado pelo governo federal. O governo acha que não. E entre os médicos não há consenso.

"Existem dois lados: Se ocorresse, o financiamento do tratamento pelo governo deveria ter um nível bastante abrangente, que atendesse a toda população carente. Porém, essa atitude acarretaria um dispêndio de capital muito grande, que poderia, por outro lado, ser destinado às campanhas de prevenção, visando diminuir a incidência de casos",

explica Mariete Silveira, que considera difícil manter uma posição.

**Omissão de hospitais** — Para Elma, a dificuldade de se trabalhar com o paciente de Aids é grande, não somente pelo alto custo, mas, pela sólida estrutura de atendimento que ele exige. "Talvez, por isso, nem todos os hospitais aceitem os pacientes de Aids. O hospital Nereu Ramos, de Florianópolis, recebe o fluxo da incompetência de outros, que se negam, às vezes por real falta de estrutura, a tratar com pacientes tão caros", explica. Com 14 aidéticos internados, o hospital sofre pela falta de leitos e medicamentos. "É muito difícil se conseguir uma vaga aqui. Tem, pelo menos, umas 50 pessoas na fila. Mas, o atendimento é muito bom. Eles cuidam da gente." diz um paciente de Aids internado no hospital.

Ineficaz no apoio financeiro, o Ministério da Saúde deixou de oferecer mesmo o apoio informativo. "Antes do governo Collor ainda existia uma iniciativa por parte do Ministério da Saúde em atualizar e esclarecer dúvidas eventuais sobre a doença. Hoje, a dificuldade de se conseguir informações é muito grande", afirma Elma.

Dessa forma, os hospitais, médicos e pacientes esperam soluções que possam resolver os problemas cada vez mais latentes, agravados pelo aumento constante do número de casos de doentes de Aids no Estado.

## Aidéticos acusam governo de omissão

As verdades sobre a Aids vêm mudando constantemente. Os homossexuais deixaram de pertencer ao principal grupo de risco para dar lugar às pessoas que se contaminaram através do sangue, por transfusões e uso de drogas. São estes os responsáveis pelo maior índice de crescimento da doença. Também mudou a maneira com que é encarada a doença. Hoje, a Aids é vista com mais naturalidade, embora o preconceito ainda exista, principalmente, nas camadas mais desinformadas da população. Os próprios doentes alteraram a sua maneira de reagir à presença do vírus. Diferente dos anos oitenta, quando muitos se suicidaram pela simples constatação de estarem contaminados, hoje eles descobrem que é possível conviver com a doença e aproveitar a vida da mesma forma que as outras pessoas, apenas com mais cuidado.

Rosângela Corrêa foi contaminada numa roda de viciados em drogas. Há quatro anos está com a doença e é uma das mais antigas pacientes do Hospital Nereu Ramos. "Eu era dependente da cocaína. Ouvia falar sobre Aids, mas, pensava que ela estava muito distante de mim. Eu sabia do perigo de compartilhar uma seringa com várias pessoas, mas, na hora achava que não tinha problema. Você nunca imagina que os outros podem ter o vírus. Eu confiava e acabei me contaminando". Aos poucos Rosângela começou a se envolver em um trabalho de informação, contra a discriminação e o preconceito que eram muito grandes.

Ela fala que sua família lhe deu muito apoio. "No começo, foi um choque. Mas isso passou e o que conta agora é o carinho que eu recebo deles". Ela tem dois filhos. A mais nova tinha cinco meses quando fez o teste e por pouco não foi contaminada. "Seus amigos antigos sumiram. Não considero 'aqueles' como meus amigos. Eles só queriam saber da cocaína". **AZT sem validade** — "O Ministério da Saúde, há algum tempo, comprou AZT para ser distribuído nos Estados, mas, com a demora da distribuição, os medicamentos acabaram perdendo a validade. Foi tudo jogado fora" denuncia. Hoje, Rosângela é muito consciente. Trabalha como voluntária na diretoria do Grupo de Apoio e Prevenção da Aids (GAPA), e procura preencher o seu tempo com atividades produtivas.

Vilson, internado há um mês no hospital Nereu Ramos, também está contaminado. Ele é caminhoneiro e diz que pegou a doença na farrã, quando viajava para o Nordeste. "Tinha muita febre e achei que estava com dengue. No exame anti-HIV confirmei a suspeita. Minha mulher chorou muito e disse que se não tivesse jeito, morreria comigo" diz orgulhoso e ciente de ser um privilegiado em receber tanto apoio da família.

José, outro paciente do Nereu Ramos, não acredita na cura. "Isto aqui é um corredor da morte. As pessoas querem me iludir, mas, eu sei que é um caminho sem volta. Eu não tenho dinheiro para pagar o remédio. Os únicos que conseguem viver com Aids são os mais ricos".

Textos: Mônica Linhares

# Quando seu carro vira um circo

*Piada sem graça  
prolonga a ressaca  
do motorista*

Um rapaz encosta no ouvido do outro e resmunga:

— Conhece a piada do não e nem eu?

O outro rapaz quase não entende direito e ingenuamente responde que não. O gozador abre um sorriso:

— Nem eu.

Essa piada retrata bem o que acontece nas repartições públicas de Santa Catarina, mas com uma pequena diferença: entre o primeiro não até o fatal "nem eu", você passa por 13 salas, fala com 17 funcionários, aparece no local quatro dias seguidos, e a conclusão que se tem é que a recepcionista e o diretor sabem exatamente a mesma coisa: nada.

O Detran, Departamento de Trânsito, é o órgão responsável pela emissão de multas por alta velocidade, estacionamento proibido e principalmente pela blitz. As cobranças aumentam, coincidentemente, quando a Polícia Militar, Polícia Civil, funcionários do próprio Detran e grande parte dos servidores do estado ficam com salários atrasados.

Durante o verão, principalmente nos meses de janeiro e fevereiro, as Polícias Militar e Civil desencadearam uma operação com o "objetivo de regularizar os documentos irregulares" — carteira de motorista e Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA). Eles preparavam o "bote" na cabeceira da ponte Colombo Salles e na Beira-Mar Norte, prendendo o veículo caso o documento não estivesse em dia. Além disso, você poderia receber multas por alta velocidade ou por estar embriagado.

Na verdade, o que acontecia era mais ou menos assim: você saía numa sexta-feira, tomava algumas, se divertia. Depois, cansado e louco pra chegar em casa, pegava o carro e ia embora. Passava por milhares de buracos e se conseguisse esticar a quarta era lucro, já que a quantidade de lombadas não deixa o carro respirar nem um pouquinho. Aí quando alcançava a Beira-Mar, onde as lombadas ainda não se instalaram, você acelerava. Quando chegava aos 100 quilômetros, o guardinha abria um sorriso sádico e pedia gentilmente para você parar: "pára o carro aí, pára".



Ele anotava sua placa, se aproximava para sentir o seu bafo e pedia os documentos. Isso às três e meia da manhã. Voltava meia hora depois e dizia que "lamentavelmente seus documentos estavam irregulares", ou seja, estava atrasado dez dias. Educadamente ele mandava você sair, porque o carro ficaria retido no Detran. Até aí tudo bem, perto do sofrimento que viria depois. Ah! Se você pensou que eles te levariam em casa, com certeza você não conhece a polícia ou ainda acredita em papai noel. Eles também faziam uma ficha com tudo que você tinha no carro, para conferir na devolução. Só que essa ficha tem a mesma validade que promessas de políticos em campanha eleitoral.

No outro dia, coincidentemente um sábado, dia que

não funcionam os bancos, você acordava cedo, leva umas broncas do pai e se manda para o Detran. Chega lá, pergunta para a recepcionista como resolver o seu problema. Ela lhe atende mal e fala que você precisa tirar xerox disso, daquilo, pagar isso, assinar um monte de papel, comprar uma ficha e falar com o seu Vicente. você anota tudo, corre para a sala do homem. Espera um tempão, já que tem um monte de gente na frente. Na sua vez, ele pede licença para tomar um café, "mas já volta". Quando ele escuta suas explicações, lamenta o fato e manda você falar com a exatoria, no centro da cidade, que só abre na segunda-feira.

Nessa hora seu sábado e domingo já foram pro pau. Na segunda-feira, você acordava cedo de novo, vai até essa exatoria. Lá, eles examinam seus dados no computador e mandam você de volta para o Detran. Novamente a recepcionista:

— Já pagaste o banco? Já tiraste os xerox? — Então vai falar com seu Vicente.

Ele dessa vez já tomou o café e examina o seu caso. "Documentos irregulares, dirigindo em alta velocidade e bêbado". Nessa hora, seu pai dá aquela olhadiha. "Dá 45 mil cruzeiros".

Seu pai já prepara o cheque, mas você ainda quer fazer aquela moral: — Bêbado? Alta velocidade? Esses caras estão malucos. Chama eles aqui, chama! O chefe nem te dá bola.

Aí para descontrair, seu pai puxa um papo profissional, e como você não trabalha, tem que ficar quieto.

— Ah, o senhor é engenheiro. Trabalha na Celesc.

— Trabalho. Sou eletricitista.

— Eu estou precisando colocar uns interruptores lá em casa.

Posso falar com o senhor?, pergunta o chefe.

— Pode. Liga pra esse número e pede para me chamar.

Mas quanto é mesmo a multa, seu Vicente?

— Não, deixa pra lá. Não precisa pagar não! Como eu ajudei o senhor agora, espero pela sua ajuda mais tarde.

Pronto, seu carro está livre. Você confere a ficha com os objetos do carro e vê que não falta nada. Tá tudo ali: chave de roda, estepe, tranca do carro... Só falta o porrete que você carregava no carro, a chave de fenda, a mangueirinha para tirar combustível, a cadeira de praia, o plástico que tinha no vidro e fica surpreso por seu carro estar gastando tanto, pois na sexta ele estava com o tanque pela metade e na segunda, depois de alguns quilômetros, você fica sem combustível, isso porque ele ficou parado sábado e domingo. Ou não?

Rafael Masseli

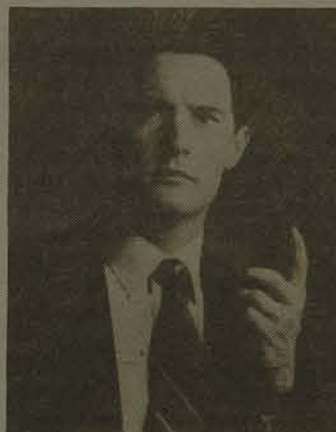
# Retrato ambíguo de uma sociedade perversa

Laura Palmer não morreu, quem morreu foi a sociedade moderna. Laura simplesmente "escapou" dessa sociedade em avançado estado de putrefação, morrendo. Forçando um pouco a barra, não há nada que impeça uma leitura moralista de *Twin Peaks*, a novela-série que está todos os domingos a partir das 10 da noite na tela da Globo. Isso porque deixou de ser importante saber quem de fato matou Laura Palmer. Na verdade, o que importa agora é saber o que vai restar dos habitantes de *Twin Peaks*, cada qual com sua parcela de responsabilidade no assassinio.

Passados oito episódios desde 14 de abril, dia em que a Globo finalmente resolveu oferecer algo excepcional em sua programação de enlatados, *Twin Peaks* ainda está longe da conclusão. A menos que a emissora decida abreviar suas 33 horas de duração. O que não é improvável caso se considere duas coisas: a já tradicional falta de respeito pelo público e, a acolhida pouco calorosa da série por este público. A badalação maior até aqui ficou mesmo por conta da crítica, quase toda unânime em ressaltar a qualidade da obra.

*Twin Peaks* é mais uma realização bem sucedida do múltiplo artista David Lynch, cineasta múltiplo, de talento reconhecido também como cartunista, artista plástico e músico. No cinema, ele amplia sua atuação. A última novidade em sua bem sucedida carreira de diretor, roteirista e produtor de seus próprios filmes, é a faceta de compositor de trilha sonora. Foi dele, em parceria com o não menos festejado Angelo Badalamenti que surgiram algumas das composições envolventes e tristes de *Twin Peaks*. O mérito é de Badalamenti, mas Lynch participa com a música e letras de "The Nightingale", "Into the Night" e "Falling".

**Morte aos inocentes** — A virtual leitura moralista se deve principalmente ao inquietante enfoque de Lynch. É a idéia de que todo homem nasce bom, a sociedade é que o torna mau. Ele conduz a trama por um fio permanentemente ambíguo. A cidadezinha do interior dos Estados Unidos é ao mesmo tempo tranqüila e fatal. Seus habitantes parecem pessoas honestas que roubam, trapaceiam e até matam se a situação exigir. Todos guardam muitos mistérios, alguns comuns outros inusitados. Além dessas características, a



MacLachlan: excêntrico algoz



Lynch: análise corrosiva

ambição generalizada e desmedida formam o elo em torno do qual todos se unem.

Nesse ambiente desenhado por Lynch e por sua filha Jennifer, os inocentes não têm vez. O cineasta sempre usou de muitos símbolos para expressar suas opiniões em seus filmes. Foi assim em *O Homem Elefante*, *Veludo Azul* e *Coração Selvagem*. Em *Twin Peaks*, a maioria de seus habitantes vive do corte e transporte de madeira. A impressão é de que a única coisa essencialmente pura na cidade é a madeira, que reveste tudo: ca-

sas, hotéis, lanchonetes. Uma pureza que serve como um biombo a esconder o tráfico de cocaína, as negociações financeiras e todo cenário perverso que se possa imaginar.

**O detetive insuspeito** — É justamente o excesso de ambigüidades que nos revela um possível rompante moralista do idealizador de *Twin Peaks*. O herói da série, talvez o único, é o detetive Dale Cooper (Kyle MacLachlan) do "insuspeito" FBI. Tão insuspeito quanto o departamento de investigações a que pertence, Cooper é o protótipo do policial incorruptível e leal até a morte. Mas com uma imprevisível excentricidade. Ele não sai da linha nem mesmo quando a sensual perspicaz Audrey Horne (Sherilyn Fenn) o aguarda sob as cobertas, num quarto do hotel de seu pai.

Lynch, um contumaz explorador das deformidades físicas e psicológicas do ser humano, criou vários enigmas na trama. Desvendar a morte de Laura Palmer acaba se tornando menos importante do que revelar os segredos ocultos dos habitantes de *Twin Peaks*. Diz o crítico Ricardo largman, da Isto É Senhor, que a série "é um dos mais perfeitos, instigantes, perturbadores e festejados trabalhos já realizados pela tevê americana. É uma combinação exata de um thriller policial e uma trama folhetinesca".

É possível interpretar *Twin Peaks* como um manifesto inquisidor de um cineasta consagrado, obcecado com a idéia de instigar a sociedade a voltar os olhos sobre si mesma. Não é a toa que a série atingiu tanto sucesso nos Estados Unidos, sendo vista por mais de 40 milhões de pessoas a cada episódio. A trama construída por Lynch foi perfeita. E arrasadora.

**Nelson Lorenz**

## Livro desvenda personagem

Quem não ficar satisfeito só com o enredo de *Twin Peaks*, vai ter em breve a oportunidade de examinar detidamente *O Diário de Laura Palmer*. O livro foi escrito por Jennifer Lynch, filha do autor da série, e está sendo lançado pela Editora Globo, com 215 páginas por Cr\$ 1.800,00. Ele funciona como um complemento da trama, embora tenha sido originalmente a base para a construção dos personagens criados por Lynch e *Twin Peaks*.

Através do *Diário Secreto de Laura Palmer* é mais fácil percorrer o universo dos personagens que nos acostumamos a ver na tela da tevê. A vantagem é que o livro não se choca com o enredo do filme. Ele relata a vida de Laura Palmer no período entre 12 e 17 anos — quando foi assassinada.

Jennifer Lynch se revela tão criativa e inclinada ao mórbido e o quanto o pai. "O Diário secreto de Laura Palmer" foi escrito por ela aos 22 anos. Agora, Jennifer se prepara para dirigir seu próprio filme, *Boxing Helena*. Não fugindo ao estilo do pai, o roteiro conta a história de um amante possessivo que chega ao irracionalismo de deceptar braços e pernas da namorada para trancafiá-la numa caixa de papelão.



Cenário de estréia desafiante para um repórter genuíno

## Quatro calouros vão à luta. E cumprem a pauta

Eu começava a ficar inquieto com a demora da apresentação do boi de mamão no encerramento do primeiro dia da greve geral, quando comecei a pensar na atuação dos calouros de jornalismo em busca de fotografias, dados e entrevistas para fazerem as suas reportagens. Era a primeira vez que faziam reportagens desse porte. Estavam um pouco perdidos no início, mas, cheios de garra e empenho na realização de seus trabalhos.

Uma delas era Sara Caprario, 18 anos, que fazia para o *Zero* a cobertura nacional da greve. Estava sempre com um ar de calma e de quem não quer nada com nada, porém, permanecia atenta ao que acontecia em sua volta. Durante a passeata, acompanhava a comissão de frente para saber o que estava acontecendo. O único momento que a deixou nervosa foi no instante em que a confusão do terminal dispersou a multidão, e ela se viu quase atropelada. Para realizar a sua matéria, Sara foi obrigada a correr atrás dos dados fornecidos pela assessoria de imprensa da CUT e do Sindicato dos Bancários.

Já Fabrizio Luciani, apesar de admitir que esteve nervoso e tenso em certos momentos, mostrava-se bastante entusiasmado e corria no meio da confusão atrás do melhor momento, sem se preocupar em se proteger. Nos momentos de calma, batia papo com diversos tipos de pessoas buscando informação e opinião.

Rogério Mosimann, 17 anos, esteve discreto e pensativo durante o dia todo. Quieto, observava e anotava o que acontecia, pois era dele a cobertura municipal da greve para o jornal *Zero*. Sentiu-se nervoso ao cobrir, pela primeira vez, um confronto com a polícia, contudo, após os primeiros incidentes, ficou mais calmo. Relatava o que via e procurava manter distância da brigada de choque. Ainda assim, notava o clima tenso no rosto de cada policial militar. Procurava chegar perto dos incidentes, indo atrás da polícia, manifestantes e pessoas agredidas para suas entrevistas.

### Meninas em perigo

Para o Fabrizio, o fotógrafo se sente protegido pela presença da máquina e passa a circular com mais liberdade no meio da manifestação.

Adriane Canan, 18 anos, e Cristiane Miranda, 20, contudo, tiveram problemas com a polícia, tendo que correr e proteger a câmera dos policiais, o que deixou as duas nervosas e amedrontadas.

As luzes da cidade iam sendo ligadas e a noite chegava em Florianópolis. A apresentação alcançava sua terceira parte com a entrada da Bernunça. Ao meu lado, além do Rogério, estava a Silvânia Siebert, descontraída e batendo palmas ao ritmo da música. Ela reclamava de ter passado a manhã na assessoria de imprensa da CUT, fazendo a cobertura estadual da greve, com pouca informação e longe da agitação. Silvânia se sentiu um tanto desestimulada, mas estava confiante na experiência adquirida.

Assim como todos os calouros, Rogério achou que "foi altas aventuras", completando "acho que é um trabalho realizador estar em contato com a notícia". "Valeu a experiência, deu pra ver como é um pique de redação de um jornal, onde te mandam trabalhar e você tem que dar o máximo para conseguir o objetivo" diz Cristiane. Preocupada com isso, Adriane ficou grande parte do tempo incomodada com o que estava escrevendo, sentindo a responsabilidade. Gastão Cassel, professor do Curso de Jornalismo, diz que "eles fizeram um excelente trabalho de cobertura, de fotos e textos". Valej Zanelatto, também professora do curso, confirma: "receberam excelentes informações e, apesar de ainda não terem costume, fizeram um excelente trabalho".

Gastão diz que "não há nada melhor do que estar presente em um acontecimento para aprender o jornalismo. Por melhor que sejam o curso e os professores, só se aprende o verdadeiro jornalismo indo pra rua, convivendo com profissionais e a notícia ao vivo".

Para Ricardo Jacques, 22, da terceira fase, a turma deste ano está pegando com mais garra o jornalismo e mostrando serviço. Gastão completa dizendo que "essa turma que esteve na greve vai longe".

O boi de mamão chegava ao fim e nem se imaginava que naquela mesma praça a manhã tinha sido tão agitada. Agora, todos os personagens e atores misturavam-se com o público para dançar num momento de confraternização. Enquanto isso, eu, a Silvânia e o Rogério nos separávamos marcando encontro para o outro dia da greve quando a turma de "focas", novatos, na gíria do vocabulário jornalístico, começaria mais um dia de experiências e emoções.

**Victor Carlson**

# Música popular perdeu um genuíno galo de briga. Que não perdeu a ternura

O cantor e compositor Luiz Gonzaga Júnior, que morreu em acidente de carro no interior do Paraná, dia 29 de abril, certamente será menos lembrado pelas suas molecagens no morro São Carlos, ou pelo curso de Ciências Políticas em que se formou no Rio de Janeiro. O filho do rei do baião Luiz Gonzaga, falecido há dois anos, deixa saudades por sua maneira pessoal de compor, interpretar e lutar. Ele deixa 17 LPs gravados, onde o gênero "canção de protesto" faz parceria com o intimismo estilo que adotou em meados da década de 70.

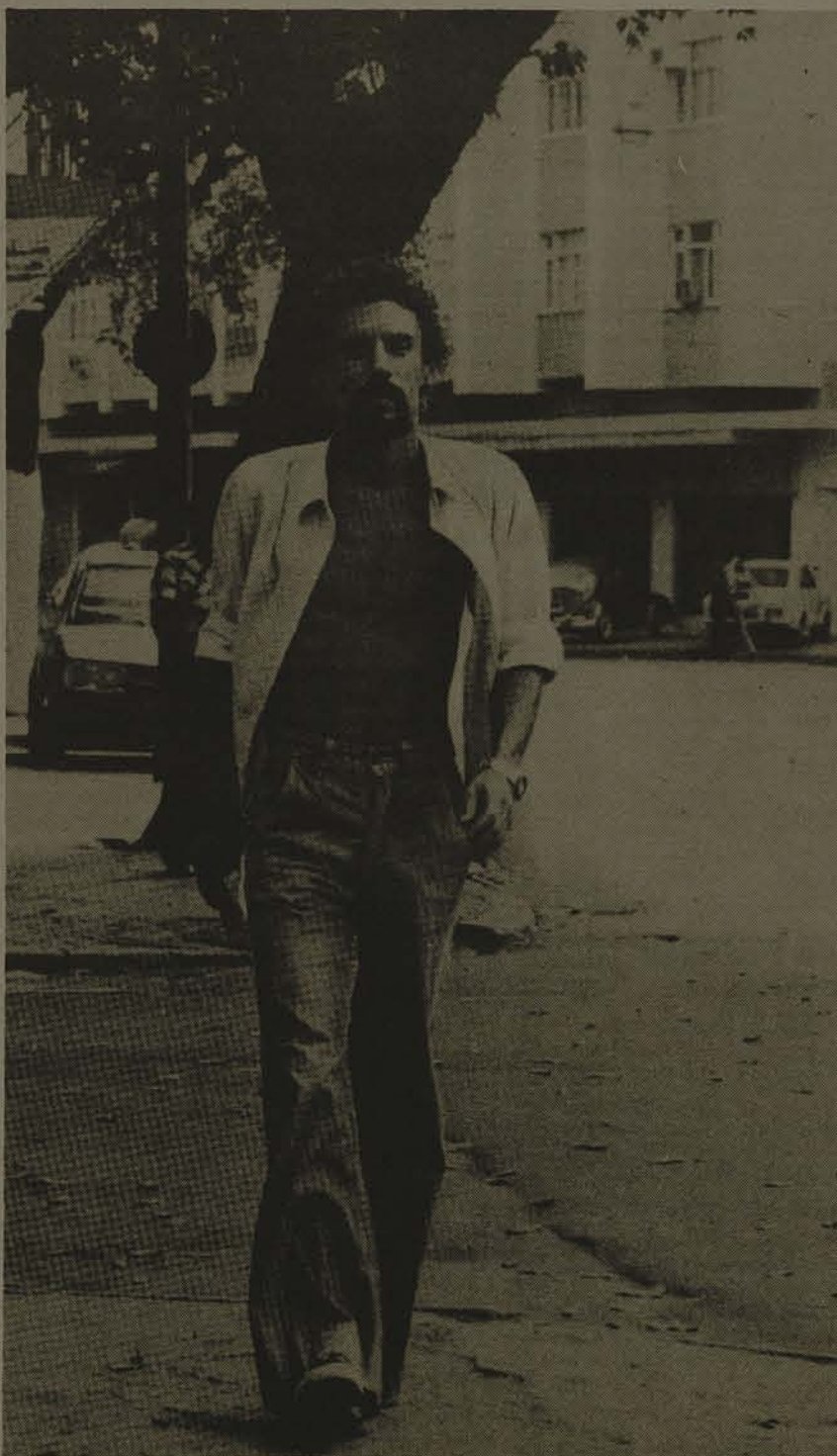
Desde que desceu o morro em 1967, Gonzaguinha se impôs no cenário musical levando na bagagem as agruras da vida miserável das favelas cariocas. Engaja-se no Movimento Artístico Universitário (MAU), onde também atuavam Ivan Lins e Aldir Blanc. No primeiro festival universitário em que participa, em 1968, já dava para sentir o que seria aquele moço franzino e áspero no seu modo de lidar com as pessoas: concorreu com a música "Pobreza por Pobreza". Perdeu. No ano seguinte conquistou o primeiro lugar com "O trem", regravação no LP *Gonzaguinha da Vida*.

**Cantor rancor** — Em 1973, lança o primeiro disco, *Luiz Gonzaga Júnior*. Experimenta a fama sobretudo com o sucesso "Comportamento geral" e o seu nome começa a frequentar os fichários da Censura. Gonzaguinha seria então convidado a dar explicações aos órgãos de segurança sobre o significado das letras "tão mal-humoradas" de "Comportamento geral": "Você deve rezar pelo bem do patrão/E esquecer que está desempregado/Você deve aprender a baixar a cabeça/E dizer sempre muito obrigado/São palavras que ainda te deixam dizer/Por ser homem bem disciplinado" (...)

O seu jeito de denunciar injustiças deram-lhe a fama de "cantor-rancor". Mas ele não se intimida e se transforma numa das vozes que protestaram com mais rigor contra a ditadura. As letras cruas iam direto ao assunto, às vezes num tom zombeteiro. Mas o moleque Gonzaguinha, como era chamado pelos cadernos culturais, não parava de repetir: "Não sou revoltado, nem amargurado, nem agressivo. Sou consciente".

Talvez este estado de consciência foi o que fez mudar o rumo do seu gênero de "canção protesto" para um estilo mais ameno e intimista. Também os tempos começavam a ser outros, a ditadura já não recorria à censura e os fãs já buscavam novas tendências musicais, mais românticos. Ele mesmo reconheceu em fins dos anos 70 que a música não faz revolução: "nosso poder é o de encantar, informar, alegrar. E, em determinados momentos, formar. Podemos fazer política sem ser políticos".

**Mestre dos desejos** — Sem cair na onda do rock e evitar influência do baião do pai, Gonzaguinha suavizou seu estilo de compor e começou a conquistar os corações femininos. Livra-se do título de "cantor-rancor" trocando-o pelo de "mestre dos desejos". Das centenas de pessoas que iam aos seus



Não cobrava shows de sindicatos, ia onde o povo estava. Morreu numa estrada da vida

shows, ele começou a ter um público multiplicado aos milhares. O fim da censura e a força da telenovela *Feijão Maravilha*, que incluía na sua trilha sonora a marchinha "Preto que satisfaz", contribuíram nesse mudança.

Um dos fundadores da Sombrás, responsável por uma virada no direito autoral nos anos 70 com a fundação do Ecad, Gonzaguinha arrisca-se e cria selo próprio, o *Moleque*. Para ele a figura do empresário era dispensável, porque só atrapalhava.

Na virada dos anos 70 para 80, os sucessos de Gonzaguinha tomam conta do país. A voz grave de Maria Bethânia puxava para todos os brasileiros o "Explode coração" e "Grito de alerta". Gonzaguinha começava a conquistar públicos diversificados. Chegaram a confundir-lo com um pós-tropicalista, influenciado por Milton Nascimento na harmonia elaborada e na vocalização aguda. Isso era perceptível nas músicas "Minha amada doidivana" e "Romântico do Caribe". Mas não passava de uma aparência. Gonzaguinha foi capaz de cair no gosto de muitos artistas, desde o pesadão Agnaldo Timóteo (Grito de alerta) até a refinada Elis Regina "Eu apenas queria que você soubesse".

**Mudanças** — Os sucessos aumentavam cada vez mais. Em 1980, lança o LP *De volta ao começo*, tendo como ponto alto a música "Sangrando", gravada simultaneamente por Simone. O disco vende mais de 150 mil cópias. Mas seu maior sucesso de vendagem seria mesmo "Caminhos do coração", com cerca de 200 mil cópias vendidas. O que era muita coisa para quem já havia convivido com o estigma do cantor rancoroso. O samba "O que é, o que é" foi uma das músicas mais populares de 1982, ano de lançamento do LP.

Mas o sucesso foi breve. Logo suas músicas saíram das paradas de sucessos e seu trabalho se restringiu ao seu público cativo. Outros estilos musicais ascendiam e novos nomes como Cazuza, Marina, entre outros, começavam a mudar o gosto do público. Com exceção do samba "E", do LP *Corações marginais*, sua obra já não era mais referência. Prova disso são os discos *Grávido* e *Olho de lince (Trabalho de Parto)*, lançados respectivamente em 1984 e 1985. Os dois juntos não venderam mais de 100 mil cópias.

Ultimamente Gonzaguinha fazia shows pelo país (morreu na véspera de sua atuação no TAC, em Florianópolis) e se ocupava do futuro museu Luiz Gonzaga, Rei do Baião. Gonzaguinha morreu deixando saudades naqueles que com ele lutaram contra a ditadura; deixou saudade pelo sucesso de suas músicas "Preto que satisfaz" e "E" nas novelas da Globo. Quem se lembrar de "Feijão Maravilha" e de "Vale Tudo", certamente sentirá falta dos versos do moleque do morro de São Carlos. E os que aprenderam a vê-lo como "o psicanalista dos desejos da classe média brasileira", igualmente vão lembrar de suas letras quando se confrontarem com dúvidas e incertezas existenciais.

Pedro Santos



## CINEMA

### Os lobos dançam com The Doors em Florianópolis

A entrada do filme *Dança com Lobos*, nos cines Carlitos e Itaguaçu, e de *The Doors*, no São José, prometem agitar o circuito cinematográfico da cidade. Além deles, a mostra de filmes franceses continua no CIC até o final de junho. Adiantamos algumas das obras exibidas no começo de junho, mas, o horário da programação deve ser checado pelo fone: 34-2166.

**Taxi Blues** (1h50, cores) — Este filme, produção realizada com apoio do francês Marin Karmitz, retrata o submundo de Moscou, uma espécie de versão moscovita de *Taxi Driver*, segundo o crítico Amir Labaki. Do diretor e roteirista russo Pavel Longuine, o filme foi premiado como a melhor direção no Festival de Cannes, no ano passado. Conta a história de dois homens: o motorista de táxi Schlikov (interpretado por Piotr Zatchenko) e o saxofonista Liocha (o ator Piotr Mamonov). Indagado sobre o porquê de ter escolhido um motorista e um saxofonista para atuarem no seu filme, Pavel Longuine, de 41 anos, explicou: "Saxofone em lembra tristeza (...)

O saxofonista parece comigo e meus amigos, no sentido em que ficamos muito tempo na clandestinidade cultural (...) Taxistas são fenômenos típicos das cidades grandes. São iguais em Moscou, Paris, Tóquio ou Nova York (...)" Até o dia 2 de junho.

**Nouvelle Vague** (1h30, cores) — Com Alain Delon e Domiziana Giordano, este é o último filme do diretor franco-suíço Jean-Luc Godard exibido nos cinemas brasileiros. É a história da Raoul e Elena, um casal que se ama, mas não tem nenhum tipo de contato físico. O filme é recheado de citações literárias e não possui uma linearidade narrativa. Só vendo mesmo para poder comprovar. De 1º a 9 de junho.

**Les Enfants du Paradis** (2h cada, preto e branco) — O filme é dividido em duas partes: *Le Boulevard du Crime* e *L'homme Blanc* e foi escolhido como o mais importante realizado na França. Dirigido por Marcel Carné entre 1943 e 1945, o roteiro leva a assinatura do poeta francês Jacques Prévert. A primeira parte será exibida nos dias 4, 5 e 8 e a segunda nos dias 6 e 7.

**Loucuras de uma Primavera** (*Milou en Mai*, 1h50, cores) — Talvez o filme mais divertido exibido nesta mostra. Realizado em 89, por Louis Malle, tem no elenco Michel Piccoli, Miou Miou e Michel Duchaussoy. A história se passa no interior da França, durante as manifestações de maio de 68. A matriarca de uma família, que tem em Milou (interpretado pelo ator Michel Piccoli) a figura mais séria, morre deixando um rico testamento. Com a notícia, os familiares se juntam na casa de campo, em meio ao velório, para disputar a herança. Há cenas memoráveis. De 8 a 16 de junho.

## ARTE

### Pintura vira fax e pára no Cruz e Sousa

O Palácio Cruz e Sousa exhibe até o dia 20 de junho, 75 fac-símiles de obras-primas do Museu Albertina de Viena, na Áustria. Na elaboração destes fac-símiles utilizou-se uma técnica tão perfeita que só um exímio especialista em obras gráficas poderia identificar os originais. Várias épocas gloriosas das artes são mostradas nesta exposição, através de Dürer, Rafaelo Santi, Michelangelo, Rubens, Rembrandt, Degas, Fragonard, Renoir e dois mestres austríacos do fim do século: Gustavov Klint e Egon Schiele, compreendendo um período de 1471 até 1918.

"As Cores do Personagem" do artista ilhéu Herminio Menezes Neto fica em exposição até o dia 14 de junho, na Galeria de Artes da UFSC.

Ao todo são 70 trabalhos expressionistas, entre pinturas em acrílico, óleo, pastel e esculturas. A Galeria de Artes fica no Prédio do Centro de Convivência e está aberta de 2ª a 6ª feira, das 9 às 19 horas.

## TEATRO

### Burguês Fidalgo continua no teatro da UFSC

O Teatro da UFSC apresenta a peça *O Burguês Fidalgo*, de Molière, até o dia 10 de julho, sempre às 21 horas. A direção geral é de Carmem Fossari e a adaptação, da obra *Le Bourgeois Gentilhomme*, é do Grupo Pesquisa Teatro Novo. Ingressos Cr\$ 1 mil (antecipados no Frango e Fritas, Ponto de Vista, Bruneti Discos, Grão e Departamento Artístico e Cultural) e Cr\$ 2 mil (no local). Informações pelo fone: 31-9348.

Ana Cláudia Menezes



## Acordes delinqüentes: pesadelo dos vizinhos



Pode não parecer, mas, Florianópolis tem *underground*. Mais é diferente do que existe em cidades como São Paulo e Porto Alegre, por exemplo. Aqui, as bandas de garagem enfrentam dois problemas: não existe gravadora independente e os lugares alternativos para apresentação se restringem a alguns bares da Lagoa da Conceição e aos inconstantes festivais que acontecem em escolas e bairros. Além disso, a má qualidade dos estúdios da cidade não permite que as bandas possam gravar suas "demos" e divulgar seu trabalho.

Mas, mesmo com tantas adversidades, algumas bandas conseguem realizar verdadeiras proezas. Este é o caso da S.R.M.P. (Subversive Reek Mute Perturbation) de Capoeiras, que já teve músicas suas incluídas em duas coletâneas, uma na Inglaterra e outra na Alemanha. A inclusão nas coletâneas é, segundo o vocalista Cristiano, "resultado direto da troca de fitas e informações que a gente vem fazendo com pessoas de diversos países, como Estados Unidos, Japão, Grécia, Singapura, Bulgária, além da Inglaterra e da Alemanha.

**Head Danger** — Formada em 88, a partir de uma outra banda, a S.R.M.P. tem um estilo muito pessoal. Partindo do "death-core" (metal ultra-rápido), a banda, hoje, realiza um som mais aberto, misturando diversas tendências do metal mais sujo com um pouco do peso do rock industrial. O fato de não tocarem em público não preocupa tanto, já que três integrantes da banda, Cristiano, Argemiro (guitarra e baixo) e Helder (bateria), acham que a música que fazem "não é acessível" o bastante para ser mostrada em público ou em rádios, pois com certeza poucos entenderiam sua proposta. Além do som pesado, rápido e sujo, o vocal "grave e assustador" de Cristiano é uma grande característica da S.R.M.P. "As letras falam da realidade de uma maneira subjetiva e individualis-

ta", diz Cristiano, que não esconde uma certa influência dadaísta, "mas, sem nenhuma idolatria".

Seguindo um caminho totalmente oposto ao da S.R.M.P., a banda UX, do Kobrasol, busca fazer um pop rock, ou, como diz o tecladista Renato, "uma mistura da melancolia do Legião Urbana com o "punch" do Ira!, reconhecendo a falta de virtuosismo instrumental, mas, estamos melhorando".

Essa melhora é notada através das fitas caseiras que Vitor (vocal e guitarra), Púnior (bateria) e Renato vêm gravando desde que decidiram levar adiante a banda.

A falta de apoio da família é apontada por Renato como o principal problema da banda. "Nós pretendemos gravar no mês de julho, caso a gente arranje dinheiro para alugar o estúdio e instrumentos melhores que os utilizados hoje", diz o tecladista.

Um dos destaques da banda UX são as letras de Vitor. Em uma delas, "Um Homem", ele diz: "enquanto ele vive/eu penso que estou sofrendo/miséria não tem limites/um dia aprenderemos". Além desta letra, sobre um catador de papel, destacam-se ainda "Trigal com Corvos", "Sonhos de Pedra" e "Pouso do Albatroz".

**Frustração** — Apesar da banda ter apenas um ano, os integrantes do UX já acumulam algumas frustrações. Uma delas está rela-

cionada ao Festival de Músicas Inéditas de Palhoça, onde, devido a um mal entendido, não puderam tocar. "É que disseram pra gente que ia ter um contrabaixista lá, para nos acompanhar, mas, quando chegamos no local do festival não tinha baixista nenhum, e então nós decidimos que não iríamos tocar naquele festival", lembra Renato.

Ainda sem nenhuma frustração e sem um estilo definido, outra banda de garagem está tentando ganhar espaço no "circuito das festinhas". Descendente de uma série de outras bandas, a banda Cartel já possui o principal: um som compacto e consistente. Trabalhando apenas em covers de Lou Read, Ramones, Sex Pistols, entre outros, Maurício (voz e guitarra solo), André (guitarra e vocal), Melchior (baixo) e Manolo (bateria) pretendem, em breve, mostrar suas próprias músicas. Já existe, algumas músicas e algumas letras, feitas, principalmente, por Maurício, que só agora foi colocado como "front-man", já que nas bandas anteriores ele fazia apenas solos de guitarra. Um exemplo de seus versos: "estou andando em cima das minhas mentiras".

A banda Cartel é o que pode se chamar de uma típica banda de garagem. Três caixas amplificadoras, o contrabaixo mais barato do mercado, três peças de bateria, microfones adaptados, guitarras estridentes, e está pronta a banda de rock de garagem. Agora, é só acrescentar uns três acordes, algumas palavras e está feito o rock de garagem, para o desespero dos vizinhos...

Alexandre Gonçalves

# O gênio admirado por Haydn

## Influenciado por Bach, morreu com 35 anos

Na busca da riqueza do espírito humano através da arte, o compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart figura entre os seus mais nobres expoentes. O irreverente "revolucionário" da música clássica completa em dezembro 200 anos de sua morte, e ao longo deste ano serão realizadas comemorações em todo o mundo. Em Florianópolis, os eventos em homenagem a ele iniciaram no dia 7 de maio, com a apresentação no Centro Integrado de Cultura (CIC) do show Vox Mozart. Mas é no segundo semestre que está programada a maior parte dos eventos.

A contribuição de Mozart para a música clássica é semelhante ao impacto dos iluministas para a ciência. Ele "inovou os princípios da harmonia, até então vigentes", diz o maestro José Acácio Santana do Coral da Universidade Federal de Santa Catarina. O compositor austríaco, ao contrário do compasso usual, buscou formular outros tipos de melodias usando como recursos dissonâncias, tempos prolongados e transições de ritmos.

O uso de maior número de recursos não significa necessariamente que a música seja complicada. Ao contrário. De acordo com críticos, Mozart consegue elaborar uma obra de melodias simples e de extrema suavidade. **Memória prodigiosa** — A carreira de Wolfgang Amadeus Mozart se mostrava promissora. Em 1765, aos nove anos de idade, escreveria a sua primeira sinfonia, arrancando aplausos das cortes. Tinha capacidade de compor em qualquer tipo de gênero musical erudito: serenatas, concertos, sonatas, fantasias, óperas e o que viesse.

Mas o lance mais surpreendente de seu gênio aconteceria durante uma viagem à Itália em 1770. Na Basílica de São Pedro, ele escutaria a "Miserere". A partitura dessa música sagrada era um segredo guardado a sete chaves pela Igreja. Mozart, que ficou impressionado com a canção proibida, transcreveria toda a partitura de memória. O Papa

ficou impressionado. Mas, em vez de condená-lo, como seria normal na época da inquisição, preferiu dar uma medalha ao menino prodígio.

A genialidade de Mozart, que impressionou muitas pessoas na infância, trouxe-lhe muitos inimigos. Isso ficou latente quando o imperador tinha encomendado uma ópera — *La Flinta Semplice* (A Falsa Simplória). Outros músicos da corte conseguiram convencer o monarca a não montar a peça.

Após um início brilhante na música, Mozart, aos vinte anos, vai assumindo a condição de miserável. Não consegue ter estabilidade financeira como compositor. Por ser irreverente e sempre disposto a modificar os padrões musicais, freqüentemente entraria em choque com os mais conservadores. É o caso do arcebispo de Salzburgo, sua cidade natal, que lhe ofereceu um emprego na orquestra da igreja. O religioso não lhe dava liberdade para compor. Além disso, Mozart ocupa apenas uma posição modesta na orquestra. Enjoado do trabalho, pede demissão. Um nobre da corte do bispo dá um pontapé em Mozart que o leva escada abaixo. Nesta época Mozart não consegue mais nada, a não ser alguns trocados com aulas particulares de música.

Seu consolo foram as mulheres. Ele se envolveu com inúmeras alunas. Apaixonou-se por uma linda cantora de ópera de 16 anos, Aloysa Weber. Mas no final de tudo acaba ficando com a irmã dela, a cantora Konstanze, com quem se casou em 1782 depois de uma fuga.

Esse episódio o inspira a escrever a ópera *O Rapto do Serralho*, preferida de Sigmund Freud, que a associava no intervalo das sessões em sua clínica psiquiátrica. A música foi um sucesso, mas Mozart mais uma vez foi tapeado: o empresário do teatro embolsou todos os lucros.

Foi só com a ópera *Don Giovanni* que Mozart consegue algo estável. O imperador, por causa da grande aclamação pública com a obra, lhe deu um emprego modesto na corte. *Don Giovanni*, uma de suas principais obras, é a história de um jovem galã italiano. Para se casar com a mulher por quem se apaixonou perdidamente, Giovanni mata o pai dela. Os dois vivem juntos até que um dia o personagem abandona-a para voltar à antiga vida de conquistador de meninas. O espírito do pai sai do túmulo para vingar-se do galã.

**Morte aos 35** — Na corte, Mozart não é bem sucedido. Por causa da inveja dos músicos que tinham influência sobre o imperador, ele ganhava um salário baixo. Entre esses rivais estava Antônio Salieri — músico principal da corte e o maestro vilão de Mozart. Nesse momento de sua vida, ele sofre com a pobreza. Para complicar o quadro, ele



Mito galanteador não é falso: acabou casando com a cunhada

tem problemas de insuficiência renal. Para piorar ainda mais a situação, Mozart é tapeado outra vez nos negócios. Foi o caso da ópera *A Flauta Mágica*. A ópera chegou a ser apresentada 200 vezes consecutivas num teatro — o maior recorde até então na história do entretenimento. No entanto, os lucros ficariam com um astuto empresário.

Nesses últimos meses de sua vida, durante uma noite em que estava trabalhando nas partituras de *A Flauta Mágica*, um estranho mascarado, com trajés escuros, aparece em sua casa para

encomendar-lhe um requiém. Mozart perguntou para quem era. O estranho recusou se identificar. Talvez fosse Antônio Salieri, o arqui-rival da vida de Mozart, tal como foi sugerido no filme *Amadeus* (84), de Milos Forman.

O requiém não chegou a ser concluído por ele. Mozart morreria em 5 de dezembro de 1791, provavelmente de tifo, aos 35 anos de idade. Foi enterrado numa vala comum.

Ozias Alves Jr

## Uma produção fértil iniciada na infância

Wolfgang Amadeus Mozart recebeu sua primeira educação musical do pai, o violinista e compositor Leopold Mozart (1719-1787). Aos cinco anos, já estava compondo minuetos. Em 1762, seu pai levou ele e sua irmã Maria Anna ("Nannerl") a Munique, Viena e Pressburg, onde fizeram exposições de virtuosidade ao cravo.

No ano seguinte, os Mozart iniciaram grande *tournee* européia, que incluiu visitas a Paris, onde Wolfgang teve publicadas quatro sonatas para violino, e Londres, onde conheceu (e foi influenciado por) Johann Christian Bach. Após uma segunda visita a Viena, apresentando em Roma.

Em Viena, Wolfgang conhecera Haydn, uma das matrizes de seu estilo e um dos raríssimos músicos que admirou sua genialidade enquanto Mozart ainda estava vivo. Mais tarde, Amadeus dedicou-lhe seis magníficos quartetos de cordas — os *Quartetos Haydn*.

Entre 1773 e 1777, à parte breves visitas a Viena e Munique, onde escreveu *La Finta Giardiniera* (estreada em 1775), Mozart passou a maior parte do seu tempo em Salzburgo, trabalhando dois anos para o arcebispo da cidade.

Tomado de impaciência, Mozart decidiu fixar-se em Viena como professor independente, compositor e concertista. Ali se casou contra os conselhos do pai com a cantora Constanze Weber (1782) e tornou-se maçom (1784), o que lhe valeria alguma ajuda, mais tarde, quando esteve quase na miséria. A partir de 1787, conseguiu uma posição nominal como compositor da corte.

O período de Viena assistiu à composição de grande número das suas melhores obras: as óperas *O Rapto do Serralho* (1782), *As Bodas de Figaro* (1786), *Don Giovanni* (1787), *Così fan tutte* (1790), *A Flauta Mágica* (1791), *La Clemenza di Tito* (1791), e as sinfonias *Haffner* (1782), *Linz* (1783), *Praga* (1786) e *Júpiter* (1788). Excesso de trabalho e problemas financeiros contribuíram provavelmente para sua morte prematura, talvez de tifo. Uma última obra, o *Requiem*, foi completada após sua morte pelo discípulo Süßmayr.

Mozart foi mestre em quase todos os gêneros; sua produção fértil resultou menos em inovações formais do que na criação de sucessivas obras-primas que consolidaram o estilo clássico de composição — na sinfonia, no concerto (especialmente para piano) ou na música de câmara. Escreveu muita música de igreja, incluindo 18 missas (entre as quais a imponente *Missa em dó menor*, inacabada), litânias, motetos e a cantata maçônica *Maueriohe Trauermisik* (1785).

Sua música orquestral incluiu cerca de 50 sinfonias; mais de 40 concertos, entre os quais 25 para piano e outros para trompa, violino e clarinete; serenatas com *Haffner* (1756) e a Pequeno Serão Musical (*Eine Kleine Nachtmusik*, (1787) e *divertimenti*. Sua vasta produção de música de câmara incluiu sete quintetos para cordas, 23 quartetos para cordas; quintetos com piano, clarinete e trompa; quarteto com piano, oboé e flauta; trios com piano, e sonatas para piano e violino.

Dicionário de Música Zahar

## Eventos só em agosto

Florianópolis também vai homenagear a obra de Mozart na comemoração dos 200 anos de sua morte. Em agosto, ainda sem data definida está programada uma exposição de painéis fotográficos sobre a vida e obra do compositor, organizada pela Embaixada da Áustria, no saguão da Reitoria da UFSC.

Durante a exposição haverá recitais. Se você é músico clássico e deseja se apresentar durante o evento, basta se inscrever no Departamento Artístico e Cultural da UFSC pelo telefone 31-9348 com Clóvis Werner, seu diretor de promoções e intercâmbio.

Mas não é só. Dois outros eventos estão programados. Na segunda quinzena de setembro a Pró-Música promove (no CIC ou TAC) a ópera *Missa da Coroação*, composta por Mozart. O evento vai ter a participação dos corais da Pró-Música e a orquestra de Câmara de Blumenau. E a escola de música da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) programou uma apresentação de seus alunos — músicos e do Coral. O local é o Centro de Artes da instituição mas as datas ainda não estão definidas.





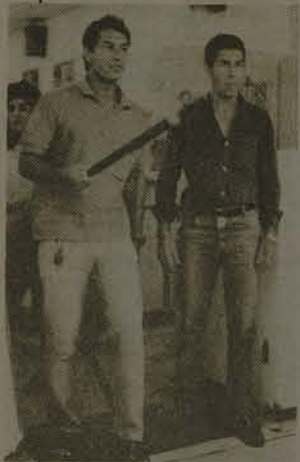
Sindicalistas x PMs: um confronto que resultaria em violência

Foto: Victor Carlson Zero



Deise Freitas JG

E tem gente que anda e não parou



Esse comerciante e seu fiel leão de chácara defendeu com porrete seu direito de ficar aberto



Depois de um dia cansativo de mobilização, a pausa para o show e alguma alegria



Esse passeio de Rita resultou em sua prisão



Enquanto a fé buscava novos fiéis, a descrença se acumulava



Deise Freitas JG

# FOTO 7

O Zero quer estimular a fotografia, jornalística ou não. Pois agora este espaço está garantido para fotógrafos amadores ou profissionais. Esta página é dos estudantes, jornalistas ou de qualquer leitor que apresente um trabalho de qualidade que mereça publicação. Se você tem uma foto ou ensaio interessante envie seu material para nossa redação citando no envelope **Página de Fotografia**. Acrescente dados pessoais, informações sobre o tema e circunstâncias da foto (ou ensaio), inclusive técnicas, além de telefone para contato. Feito. Esta é a receita para a próxima página de foto do Zero. Revele-se.